

(*) A QUESTÃO IDENTITÁRIA DO HOMEM DO CAMPO E AS MUDANÇAS DE SEUS MEIOS DE VIDA NO CENTRO URBANO: A REALIDADE DE TRÊS LAGOAS -MS (PERÍODO DE 2000 A 2012)

*DA SILVA, Kátia Veríssimo. (**)*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise do processo de chegada de migrantes, temporários ou não, na cidade de Três lagoas, localizada no estado de Mato Grosso do Sul. Para tanto, partimos da premissa de que o município em pleno desenvolvimento industrial teve grande influência neste contexto. O deslocamento de migrantes para o município de Três Lagoas desencadeou a construção de uma nova identidade desses sujeitos, que ao sair de seu local de origem transformam não só o local aonde chegam, mas também a memória do lugar de onde vieram.

Refletindo sobre a questão do deslocamento dos sujeitos e a memória histórica, visamos apreender as representações que a nova vida na cidade exerce sobre a memória da população do campo. Não deixaremos de focar a questão do estranhamento das pessoas que saem do campo para a cidade no município, destacando as dificuldades de ficar ou de retornar ao seu local de origem.

Palavras-chave: Três Lagoas, trabalho, identidade.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por finalidade entender a influência do centro urbano sobre a questão identitária dos indivíduos que deixam sua vida no campo para trabalhar na cidade. Há também a questão da busca incessante por uma vida com melhores condições para sua família que permanece na terra, para garantir seu espaço, além dos problemas que envolvem o fato de deixar o seu local de origem para enfrentar as condições adversas na cidade.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

O objetivo maior em questão é tentar entender a incorporação de uma cultura a outra, além das permanências e mudanças ocorridas neste processo. Visamos analisar a construção de uma identidade diante destas novas perspectivas de vida englobando a memória, o trabalho, e as mudanças no meio de vida dos sujeitos históricos que se encontram na pesquisa.

A pesquisa trabalha com a metodologia da história oral, entrevistando moradores da cidade de Três Lagoas, no estado do Mato Grosso do Sul, que saíram do campo de regiões próximas ao município em foco, para trabalhar no centro urbano em desenvolvimento a partir dos anos de 2000 a 2012.

A partir destes aspectos coletamos materiais orais que nos fizessem entender as mudanças de seus modos de vida, suas inseguranças diante das diferenças sociais, as mudanças de hábitos e costumes diferentes do campo, e suas dificuldades no trabalho, na vida social, e até mesmo no seu retorno para o lugar de origem.

As entrevistas foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, a partir das quais pudemos entender a realidade vivida por estes indivíduos mostrando as dificuldades de inserção destas pessoas em uma cultura urbanizada.

O CRESCIMENTO INDUSTRIAL E AS NOVAS QUESTÕES QUE ABRANGEM ESTE PROCESSO NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS-MS.

1.1 O problema da inserção do trabalhador rural no centro urbano

Na pesquisa destacamos o desenvolvimento econômico na cidade de Três Lagoas no estado de Mato Grosso do Sul, que ganhou uma velocidade singular, mas comum no que diz respeito ao desenvolvimento de grandes centros urbanos.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

O desenvolvimento econômico que ocorre em Três Lagoas ocorre também no cenário de diversas cidades no final do século XVIII e ainda vemos estas transformações do meio social ainda hoje, já que as cidades foram lentamente sendo tomadas por indústrias que ainda no século XXI crescem e trazem migrantes necessários para a mão de obra no novo espaço que se forma constantemente.

Nos anos de 2000 a 2012, anos especificados na pesquisa, vemos uma movimentação dos sujeitos que viviam de sua terra, com seu modo de vida direcionado a vida no campo se separarem de suas famílias e virem trabalhar nas cidades em desenvolvimento. Este não é um fato isolado, pois ocorreu em outros anos anteriores e permanece acontecendo até os dias de hoje.

Podemos dizer que a cidade de Três Lagoas vem se desenvolvendo drasticamente no setor industrial, sendo assim, observa-se através de entrevistas realizadas com indivíduos que saíram do campo para trabalhar no município, que este fato desencadeou ou pelo menos influenciou este deslocamento do campo para o centro urbano. Desta forma, veio para Três Lagoas uma leva de migrantes, principalmente da região norte do Brasil, além de outros estados, na busca de trabalho e, conseqüentemente, melhores condições de vida.

As entrevistas tiveram por objetivo entender este deslocamento de um lugar a outro, entendendo melhor o que trouxe estes migrantes do campo para a cidade. Indagamos ainda sobre o porquê de terem vindo, as mudanças que ocorreram em seu meio de vida do campo para a cidade, as necessidades que não são poucas, as vantagens e desvantagens de uma vida diferenciada da vida rural.

È difícil identificarmos todos os problemas que envolvem esta situação de mudanças na vida do indivíduo. Muitos migrantes deixam a família em seu local de origem e saem em busca de melhorias, seja de salário ou melhores condições de vida, questões sobre as quais discutiremos posteriormente.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

As questões que trazem os camponeses para as cidades são muitas, entre elas destacamos: Porque se separar de sua terra? Será que este indivíduo saiu de seu local de origem pela pressão de fatores econômicos? Será que foi expulso de suas terras?

Há uma infinidade de questões que abraça toda esta questão da mobilidade do campo para a cidade, como por exemplo, a questão da identidade destas pessoas, que em construção se encaminha para uma nova moldagem identitária. Observamos ainda, o deslocamento de um local a outro completamente diferenciado, o que faz vir à tona uma nova cultura que se insere em seu modo de vida e modifica o indivíduo.

A questão da identidade nesta pesquisa será analisada através da reflexão sobre as mudanças de costumes, hábitos e meios de vida, que vão se transformando de acordo com as necessidades que o sujeito histórico, aqui o camponês, que se sai do campo para a cidade, possui, ao se relacionar com indivíduos e meios sociais diferenciados por se tratar de outro espaço na sociedade, haja vista a desconstrução de seu modo de vida anterior, fundamentado no meio rural.

Conhecido provavelmente como o outro, que chega numa sociedade estranha em constante desenvolvimento, o indivíduo do campo, conforme as entrevistas, ficam à deriva de acontecimentos, hábitos, costumes, ou seja, vivencia uma variedade de mudanças que causa certa estranheza, tanto para os sujeitos que já fazem parte da vida urbana quanto para aqueles que chegam em momentos de desenvolvimento industrial na cidade.

Este processo de estranhamento desencadeia uma desigualdade muito eminente no meio social. O sistema capitalista em que vivemos hoje ajuda a causar uma evolução das desigualdades proeminentes na vida do camponês no centro urbano, e essa problemática é discutida por vários autores. O modo como observamos o outro, deixa a mostra o quanto achamos o migrante inferior a nós, e isso é percebido pelos sujeitos migrantes que se fragilizam diante destas ideologias da sociedade urbana.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

Nossa sociedade possui uma característica muito própria de cair no senso comum, ou seja, nos deixando levar com aquilo que escutamos de outras pessoas, colocando todas as responsabilidades de problemas ocorridos no nosso meio social naqueles que aqui chegam para trabalhar, questão sobre a qual devemos ter cuidado. Segundo Martins (1993), nossa tradição histórica é de excluir e marginalizar grande parte da população, dos pobres da terra, do campo e cidade. Fato este comum, a todas as cidades que em desenvolvimento precisam de mão de obra barata, sendo assim torna-se um hábito o recrutamento de pessoas de outras regiões do país.

A cidade de Três Lagoas possui um polo industrial em destaque, com foco para os anos de 2000 a 2012, os quais trouxeram transformações nas relações de trabalho e formas de produção. O homem passa a trabalhar nas fabricas gerando um capital para a empresa, em troca de salário. Deixa então de produzir para sua autossustentência, vivendo em favor do capital vigente no município. Sobre este processo, observa Alves que:

“É corrente a afirmativa de que a industrialização significa progresso, emprego e solução para os problemas municipais, tendo por argumento o fato de que a cidade não perde com as isenções, mas ganha com a criação de mais empregos e impostos recolhidos de forma indireta.” (ALVES, 2005, p.105)

A política de desenvolvimento econômico no município atrai grande número de indústrias. Desta forma aumenta-se o interesse de empresários e empresas para investir no Estado de Mato Grosso do Sul e, conseqüentemente, dá-se seu estabelecimento na cidade, em vista da isenção de impostos. Além do grande interesse destes empreendedores a cidade possui um escoamento favorável de mercadorias, tanto as produzidas na localidade em análise quanto aquelas de outros estados do Brasil.

A Hidrovia Tietê-Paraná e do Mercosul, atrai as indústrias com amplas alternativas de transporte, oferecendo um escoamento fácil e prático aos produtores,

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

e gradativamente mão de obra corrente, trazendo ao centro urbano da cidade de Três Lagoas uma quantidade expressiva de trabalhadores. Estes veem de regiões próximas a Três Lagoas, dos campos agropecuários, pois os camponeses de nossa região não poderiam estar indiferentes a estas mudanças.

Através de entrevistas, os camponeses migrantes nos permitem entender esse deslocamento. Conforme os relatos, a cidade é o lugar onde poderá haver melhorias, nas condições de vida, no salário. O sonho é trazer a família, compartilhar do novo com aqueles que no campo permaneceu. Mas a desigualdade, o preconceito, a memória, e o estranhamento trazem consequências nesse encontro do camponês com o centro urbano, e muito do que se esperava se torna inviável causando angústias e, conseqüentemente, quando se torna possível, o retorno ao seu local de origem.

As problemáticas levantadas nesta pesquisa são as questões que envolvem a saída destas pessoas do seu local de origem, evidenciando, o porquê de se afastarem do seu modo de vida rural. Quais seriam os motivos deste afastamento? Seriam eles expulsos de suas terras? Que necessidades trazem estes indivíduos até o centro urbano? O que deixam para trás? E porque deixam?

Desta forma, poderemos entender melhor as mudanças nos meios de vida e na sua identidade, que vão se reconstruindo de acordo com os espaços em que se inserem estes indivíduos. O complexo de fábricas que se instalou em Três Lagoas desde o ano 2000 abriu um leque de expectativas para a população urbana e rural, causando um enorme impacto socioeconômico e cultural na cidade.

1.2. O estranhamento no novo meio social.

A inserção do trabalhador rural no centro urbano e conseqüentemente dentro do centro de desenvolvimento da cidade possui inúmeras dificuldades, pois o mesmo

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

se sente deslocado diante de um trabalho diferenciado, que possui suas vantagens e desvantagens. Através de uma expectativa melhor de vida, o indivíduo do campo precisa se qualificar assim como um indivíduo do centro urbano, mas passa por muitas dificuldades, devido ao estranhamento do local, a pressão no meio social, vivendo uma realidade diferenciada do seu lugar de origem.

Com os trabalhadores rurais no município, observa-se uma cultura direcionada ao setor agrícola, fato que intensifica a dificuldade do camponês que se vê forçado a submeter-se a uma mudança cultural. Há um choque entre culturas, o indivíduo se encontra numa nova realidade, que causa por muitas vezes a impossibilidade de permanecer no centro urbano.

Muitos migrantes rurais se fixam na cidade, outros resolvem retornar ao campo, devido a dificuldades em se adaptar. A necessidade de permanecer no campo, ou a vontade de dar uma nova vida a família que por lá ficou assegurando o lugar do provedor até que melhore suas condições, faz com que o camponês permaneça no meio urbano mesmo diante de péssimas condições. Mesmo que seja escravizado pelo capitalismo vigente no centro urbano, e o ganho seja pouco eles permanecem tentando retornar ao campo com boas novas para a família.

A assimilação das mudanças se dá em longo prazo, muitas vezes o indivíduo estranho a este novo ambiente encontra muitas dificuldades para se adaptar, pois está inserido em si maneiras de agir e pensar voltadas a maneira como vivia no campo. As situações de estranhamento no novo meio social e as condições diferenciadas de vida, só vem a intensificar a vontade de voltar para casa.

A migração na cidade de Três Lagoas se iniciou a partir do ano de 2000, ano em que a cidade passava por um intenso processo de urbanização e com uma política econômica em constante crescimento, já iniciando a migração do trabalhador rural de regiões próximas ao município. A partir deste período, houve mudanças na economia da cidade. A industrialização trouxe novos rumos a economia de Três Lagoas, que

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

passou a crescer na instalação de fabricas atraindo a trajetória migratória para o município.

A cada época se expande mais os processos migratórios, pois o desenvolvimento se intensifica. Isso se deu em outros lugares do Brasil, sendo assim no município em destaque na pesquisa.

A migração interna na cidade teve impulso a partir dos desenvolvimentos dos setores industriais e tornou-se expressiva no século XXI, criando possibilidades de exportação, em meio a tantas indústrias está em destaque a Indústria Internacional de Papel e Celulose, que exporta papel e matéria-prima para o exterior. Desta forma proporciona altos rendimentos na economia dessas grandes indústrias que se destacam no município.

Com o crescimento da economia industrial houve a necessidade de mão-de-obra em grande quantidade para o trabalho nas indústrias. Dessa forma, inicia-se então o êxodo rural, movimento de deslocamento da população rural para áreas urbanas. Nesse sentido, a cidade de Três Lagoas de fato teve grande impulso no crescimento industrial, trazendo para os centros urbanos muitos migrantes rurais constantemente. Segundo Valim:

“[...] migrar, se constitui na mudança de país, estado e até em termos de municípios, entretanto, toda a polêmica que envolve esta questão baseia-se exatamente como ela ocorre, ou seja, de maneira forçada, consequência de interesses políticos e econômicos. [...] os migrantes são o resultado do processo político e econômico do país, arrastados pelas promessas oficiais de sucessivos governos, incentivados pelo sonho de uma vida melhor ou movidos pela própria necessidade de sobreviver.” (VALIM, 1996, p.8-9)

A migração tanto de maneira forçada, ou por qualquer outro motivo que leve o indivíduo a sair de seu local de origem, é consequência de interesses políticos, econômicos, culturais e sociais que estão inseridos dentro do sistema capitalista.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

Sistema no qual o homem se vê influenciado, sendo expulso e até mesmo atraído pelo capital.

O sistema capitalista de produção invadiu a região de Três Lagoas, fazendo com que as pessoas vejam ilusoriamente a necessidade de ganhar dinheiro, de crescer junto à indústria, de manter novas condições de vida a sua família.

¹“A indústria aqui em três lagoas só quer crescer a nossas custas, eu consegui me garantir na cidade comprando um lugar para morar, mas muitos dos meus amigos foram embora porque não conseguiram construir nada por aqui.”

Seria indevido dizer que estes sujeitos não conseguem seus objetivos, muitos conseguem e buscam suas famílias para compartilhar de suas melhorias. Mas há os pontos negativos também presentes e constantes neste processo, pois muitos dos que chegam no município de Três Lagoas retornam, e se não voltam permanecem em condições precárias, se sujeitando a exploração das fábricas e a condições servis intoleráveis que lhes são impostas.

Como narram os entrevistados, os trabalhos destas pessoas só garantem o enriquecimento dos proprietários das grandes empresas, que não profissionalizam coerentemente seus funcionários, ao terem como fundamento as práticas em que somente o lucro lhes proporciona crescimento. Nessa perspectiva, a mão de obra é esquecida e trocada gradativamente, o fluxo de trabalhadores é corrente, por isso os grandes proprietários não se importam com a qualidade de trabalho e de vida de seus trabalhadores.

A submissão (e também a insubmissão, a exemplo das greves) torna-se presente nestes casos migratórios, e diante deste fato é importante para as grandes

¹ Entrevista realizada com E.F., no dia 10/08/2012, na cidade de Três Lagoas-MS.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

empresas deixar claro para os trabalhadores a importância de cumprir horários, de serem fiéis a seus patrões, de não reivindicarem melhorias, pois isto lhe causaria demissão e sua situação se tornaria pior. Esta imposição de ideologia se destaca em jornais da região, como bem observou Alves (2005):

“O cidadão bem orientado é aquele que sempre se houve com plena e integral dedicação ao trabalho diário e a suas tarefas específicas, sempre terá motivos de satisfação e alegria para registrar na sua vida ou pela vida inteira recebendo aplausos de aprovação de seus superiores que passam a cada dia a confiar mais e mais no seu funcionário. [...] Assim é que o cidadão recebe sempre a missões mais difíceis de serem cumpridas, porque os chefes reconhecem que no seu trabalho, já comprovado e provado no serviço a dedicação plena no cumprimento do dever, configurando, afinal, além dos deveres que é obrigado a acatar e respeitar, a existência de elos de amizade que nascem fortes e indestrutíveis [...]” (Fonte Jornal do Povo, 1998, Apud ALVES, 2005, p.37).

Podemos entender nesta fala o quanto é uma questão grave a imposição de deveres do trabalhador, deveres que correspondem à garantia da integridade da fábrica, ou seja, trabalhar e garantir as melhorias do seu patrão. Esse interesse está muito presente em nossa sociedade, que se vê dependente do trabalho para enriquecer ou manter a sua riqueza. A luta por melhores condições de trabalho não é considerada pelos grandes empresários, os quais se utilizam da mídia impressa e televisiva para promover insegurança, e a falta de interesses destes trabalhadores em buscar um melhor salário ou condições de trabalho dignas. Com tanta pressão torna-se quase impossível enfrentar essas dificuldades. Desse modo, como ressaltam os entrevistados, o medo de perder o emprego fala mais alto do que uma busca por melhorias no trabalho.

Podemos também apontar neste momento a falta que o sujeito do campo sente de seu local de origem, ou seja, a memória de um lugar que é melhor do que qualquer outro. A narrativa do encontro com a família, amigos, a vida social são elementos que estão sempre em evidência no contar sobre a vida destes trabalhadores. Desta forma observamos nas entrevistas o interesse de voltar a sua terra, em que por vezes ficou alguém a sua espera, ou mesmo nas histórias daqueles em que vieram todos da

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

família e mesmo assim eles se sentem parte daquele meio de onde partiu. Como contam os entrevistados, sempre que possível estabelecem ligações com amigos, parentes, etc, procurando sempre fazer parte daquela vida social que por hora está tão distante.

Para qualquer migrante, seja ele camponês ou não, o sentimento que envolve esta imposição ideológica traz à tona a incapacidade de lutar pelos seus direitos, e buscar alternativas de melhorias.

O entorno de várias situações que englobam a vida na cidade, traz a estes indivíduos a nostalgia da vida no campo, instigando-os ao pensamento sobre a vida que se levava anteriormente, em que, conforme as memórias, vida melhor não há, mas que esbarra na questão da vontade de conquistar o novo.

É possível entender através da fala destas pessoas durante as entrevistas o quanto faz falta aquela vida no campo, mas que se contrapõe com a vontade de ficar e crescer profissionalmente.

²“Aqui na cidade é preciso trabalhar muito para conseguir melhorar sua vida, tudo que a gente ganha gasta para comprar o que precisa. Na fazenda a gente tirava leite, tinha horta, tinha carne, era tudo tirado de lá mesmo só comprava o básico. Mas não mudou muita coisa, a nossa alimentação continua a mesma, o ritmo de vida também, só mudou o que a gente quer estudar.”

Também é possível perceber o desejo de permanecer na cidade para estudar, porque considera que o estudo no campo possui grandes dificuldades de deslocamento. Muitos desses trabalhadores se envolvem tanto na vida na cidade que já no campo não conseguem permanecer. Muitos deles permanecem na cidade temporariamente, outros por toda uma vida, já que constituem família, novos amigos,

² Entrevista realizada com M.G.S. no dia 21/04/2012, na cidade de Três Lagoas-MS.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

mas na memória permanece o bom lugar, ou seja, o campo. Dessa forma observamos uma contradição de sentimentos.

A pobreza e as situações adversas no campo despertam no ser humano um interesse por aquilo que lhe falta e que lhe é necessário diante de suas necessidades. O capitalismo vigente no centro urbano atrai uma variedade desses indivíduos, sendo assim inicia-se o deslocamento, propiciando as separações entre as famílias camponesas, onde o filho sai do campo para trabalhar, ou na maioria das vezes saem os pais, que deixam esposas e filhos para ganhar a vida nos centros urbanos.

“A migração dos membros de uma família tende a durar muitos anos, até que todos se transportem de um lugar a outro. Em parte, tanto num caso quanto noutro, porque esses grupos se concebem como comunidades de destino e de pertencimento.” (MARTINS, 1997, p.195)

Essa ideia de pertencimento está muito presente no modo de pensar e agir desses indivíduos do campo. E quando chega à cidade este sentimento se torna mais forte, se comparado com os tempos vividos no seu local de origem. Martins (1997) chama este deslocamento de um lugar ao outro de fronteira, que possui conflitos e alteridades singulares, devido ao estranhamento causado quando estão em lugares diferenciados.

“Na fronteira, o camponês ainda vive relações econômicas, concepções de mundo e de vida centradas na família e na comunidade rural, que persistem adaptadas e atualizadas desde tempos pré-capitalistas. Ele, que ainda está mergulhado na realidade de relações sociais que sobrevivem do período colonial, se descobre confrontado com formas tecnologicamente avançadas de atividade econômica, do mundo do satélite, do computador, da alta tecnologia.” (MARTINS, 1997, p.16)

Diante de tantas mudanças o camponês se vê em conflito, pois o seu modo de vida está intrinsecamente ligado ao campo. As novas formas de relações e concepções de mundo costumam a fazer parte de sua vida. Dessa forma vê-se deslocado

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

diante de uma nova realidade. Essa ambiguidade presente no centro urbano deixa sempre uma expressão de conflitualidade. Num desencontro de etnias, conflitos de classes sociais, esse abismo histórico que separa o camponês desses novos meios de vida está presente na fronteira. Para Martins, o pesquisador deve se ater a estes conflitos, pois são neles que encontramos verdadeiros significados para a compreensão das mudanças sociais e da expansão desta fronteira. Ao observar estes sujeitos não podemos ficar neutros diante dessas conflitualidades, com consciência de suas limitações.

“A sociabilidade de sujeitos tanto de um lado como do outro permeia o relacionamento e o estranhamento entre eles, muitas vezes imperceptível.” “[...] Eles consideram a situação de fronteira como lugar social de alteridade, confronto e conflito.”(MARTINS, 1997, p.36)

Os conflitos englobam parte significativa da cultura local, ao explicitar o estranho que chega e o estranho que já pertence ao centro em desenvolvimento. Os sujeitos se estranham, existindo uma fronteira que os separa. Assim, as diferenças culturais, sociais e econômicas são perceptíveis aos dois grupos (rural e urbano).

Diante da dificuldade de aceitação de diferenças o camponês que já está sufocado pela insegurança, quer fugir e se encontrar no seu próprio eu, buscando estar perto daqueles indivíduos que passam pela mesma problemática, ou quando está de volta ao campo para compartilhar de festividades, amizades e familiares, nunca pensa em estar longe de suas origens.

1.3 A terra e suas representações.

A migração forçada tem sido vista desde os anos de 1970, devido às adversidades presentes no campo. O problema da mecanização da área agrícola, a seca e outros fatores adversos vividos no seu local de origem fazem com que se inicie um processo de partida destes sujeitos. Para que continue sendo dono do seu pedaço de terra eles deixam suas casas e famílias para buscar melhores salários na

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

cidade e garantir, desta forma, a permanência no lote e a subsistência daqueles que ficam.

“Cada vez mais, premidos pela exiguidade dos lotes, pelo enfraquecimento da terra, pelas secas, a partida, ainda que permanentemente temporária, tem sido utilizada como estratégia para manter a terra, enquanto morada, meio de sobrevivência, patrimônio e, sobretudo, enquanto *lugar*, isto é, enquanto materialização de relações sociais e simbólicas.”(MORAES, 2001, p.01)

Assim vão se afastando de seu local de origem, mas com o gosto do retorno, pois ali é o seu lugar. O lugar onde se deve voltar. Essa ideologia é passada de pais para filhos, que tem uma representação do campo muito particular. A terra é lugar de esperança, o lugar que se deve sempre voltar, pois estão na memória os dias vividos no campo.

“A terra é vista como uma espécie de espaço protetor, desenraizamento, de porto seguro, de paraíso perdido. Por meio das histórias de vida, verifica-se que estas representações são transmitidas às gerações mais novas. Assim, desde muito pequenas, as crianças apreendem o verdadeiro significado de *São Paulo*, isto é, qualquer lugar deste estado, o lugar de destino de seus pais e parentes, mas também o lugar de onde voltam para as suas terras, e ficam sabendo que, *quando inteirarem a idade*, seguirão a mesma rota.” (MORAES, 2001, p.01)

Diante disto, observamos em entrevista com os camponeses o pensamento do retorno como algo estranho para aqueles que ali ficaram e para o próprio migrante temporário. Quando retorna ao seu lugar, ou seja, o campo, se sente estranho ao seu próprio meio.

Tanto para os que ficaram quanto para os que retornam é difícil uma interatividade com os membros da família e amigos. Tudo que a terra representa se torna estranho, sua própria identidade está esfacelada, assim o indivíduo conhece a sua cultura, mas precisa de tempo para estabelecer suas relações que ainda não estão perdidas e sim sendo transformadas.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

O indivíduo não se desenraíza totalmente do seu meio social, somente se sente deslocado diante de uma nova realidade, de uma nova cultura, que de alguma forma fez parte daquilo que viveu.

Com novas expectativas de vida, e influências culturais, algo fica intrinsecamente ligado ao sujeito que se deixou influenciar diante de outras formas de vida.

A QUESTÃO DA IDENTIDADE DO HOMEM DO CAMPO E AS MUDANÇAS DE SEUS MEIOS DE VIDA NA CIDADE.

2.1 A questão da identidade e da cultura dos sujeitos do campo no centro urbano.

O processo de crescimento de uma cidade, seja pela industrialização, ou por qualquer outro fator que traga novas perspectivas de vida, faz com que ela receba pessoas de vários lugares. O grande interesse de melhoria de vida e as propostas de trabalho que surgem com o crescimento econômico abrem uma amplitude de vantagens e desvantagens para o trabalhador, seja ele temporário ou não, pois intensifica os atrativos para a vinda dos sujeitos, ao reforçar a necessidade de mão de obra dentro do centro em desenvolvimento.

Os indivíduos do campo que chegam às cidades tentam se integrar a um novo grupo. O interesse pelo capital que enche os olhos destes sujeitos possibilita a estes uma nova experiência de vida, através do contato com uma nova cultura. Desta forma, mudam-se os meios de sobrevivência, seus costumes e hábitos, e não pensemos que seja fácil sua integração com este novo meio social, pois suas dificuldades começam quando deixam suas terras e famílias para trabalhar na cidade, tentando garantir uma melhor condição de vida para aqueles que por lá permaneceram.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

Essa junção entre rural e urbano se dá devido a busca pela satisfação de necessidades que são decorrentes da vida no campo, somando-se às intempéries climáticas e outros fatores como a seca, as diversidades do tempo, a pobreza, a perda de suas terras, etc. As necessidades econômicas e o desejo de uma vida melhor trazem estes indivíduos para a cidade. O trabalho no campo já não consegue suprir todas as necessidades familiares, e é na cidade que se enxerga uma vida diferenciada, que vai lhes propor uma renda maior àquela do campo, proporcionando aos que ficaram uma melhor qualidade de vida.

Ao se deslocar de seu local de origem, o homem do campo passa a ser um estranho perante a nova sociedade em que vai se incluir, desta forma aparecem às desvantagens que podem existir com os novos integrantes no meio social. A exclusão é o que se vê logo de início, assim como a disseminação da desigualdade e o preconceito, permanentemente muito presente em nossa sociedade. Questão está bem colocada por Martins: “o estranho são os protagonistas da tragédia que aniquila os frágeis, fragilizando e empobrecendo a vítima, que é o cidadão.” (1993, p. 13)

Desta forma, o homem do campo desenvolve certa resistência e estranhamento a esta cultura diferenciada. Se sente sozinho e com medo, e essa questão só pode ser resolvida se de fato o camponês se transformar socialmente para que se perceba parte desta nova etapa da sua vida. Além de necessidades econômicas, ainda existem as necessidades culturais e sociais, que fazem parte deste processo de integração.

“Com efeito, as necessidades tem um duplo caráter natural e social, pois se a sua manifestação primária são impulsos orgânicos, a satisfação destes se dá por meio de iniciativas humanas, que vão se complicando cada vez mais, e dependem do grupo para se configurar. Daí as próprias necessidades se complicarem e perderem em parte o caráter estritamente natural, para se tornarem produtos da sociedade.” (CÂNDIDO, 1982, p.23)

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

Ou seja, a satisfação das necessidades de um grupo pode trazer dificuldades na integração com outros grupos – até mesmo na sua forma de sobrevivência. Diante da problemática que envolve as mudanças do camponês de uma localidade à outra, podemos destacar o desequilíbrio em que se encontram estes sujeitos, diferentemente do que acontece com os grupos que já vivem nas sociedades urbanas.

O processo de incorporação de trabalhadores em massa nas cidades causado pelo processo de industrialização transforma a maneira natural de o homem rural conseguir sua própria alimentação. Deixam-se de lado recursos naturais, até porque já não os tem, para obter outros meios de vida, ou seja, o que antes era garantido no campo pelo trabalho de cada dia passa a ser conseguido pelo trabalho na cidade, podendo ser ele vantajoso ou não.

Através da entrevista com sujeitos históricos podemos entender o processo de desenraizamento do homem do campo. Para tal destacamos a entrevista realizada com uma moradora na cidade de Três Lagoas-MS. Em sua história de vida ela conta que veio de uma fazenda com nome de Santa Rita, no Distrito do município de Inocência, região próxima a Três Lagoas, e relata na entrevista as dificuldades encontradas na sua vida na cidade. Dificuldades estas que não são vistas como algo negativo, mesmo que as mudanças sejam duras, conforme a entrevistada, elas são vistas como vantajosas, devido a variedades encontradas no meio urbano. Isso pode ser observado na fala da entrevistada:

³“Há muitas mudanças na vida, que eu tinha na fazenda pra minha vida aqui em Três Lagoas. A minha vida está melhor, porque o custo de vida é mais baixo, e o salário é um pouquinho melhor também. Quanto às dificuldades, aqui em Três Lagoas foi mais difícil. Mas hoje é melhor do que na fazenda, porque na fazenda a gente não tinha acesso ao mercado mais barato, tínhamos que comprar o que aparecia.”

³ Entrevista realizada com M.G.S. no dia 21/04/2012 na cidade de Três Lagoas-MS.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

A visibilidade que se tem da cidade, aquela que proporciona um trabalho gratificante é um fator ilusório àqueles que saem do campo para trabalharem nos centros em desenvolvimento. Iludem-se com propagandas daqueles que por aqui ficaram e que retornam somente para visita aos familiares. Desse modo, sentem que necessitam de mais e mais para conquistarem seus objetivos, como um lugar melhor para viver, melhores condições de trabalho e de vida.

O fato do desenraizamento é muito forte na questão de deslocamento e desestruturação do homem do campo que vem viver na cidade. Essa desestruturação pode acompanhá-lo por uma vida inteira. É comum a busca por algo que havia no campo, como, por exemplo, a necessidade de encontrar pessoas conhecidas ou mesmo lugares parecidos com o que vivia anteriormente. Esse deslocamento de seu lugar de origem traz consequências visivelmente encontradas nas falas destas pessoas. O sentimento de reencontro e a vontade de estar presente em locais que trazem lembranças de tempos passados são sentimentos que podem ser apreendidos nos relatos. Ao mesmo tempo em que se encontram no trabalho, se veem deslocados no meio pessoal e social.

Nas entrevistas, foi possível perceber que somente o trabalho é capaz de fazer com que estes camponeses interajam de alguma forma com outros indivíduos, pois é no espaço do trabalho que estes sujeitos, de alguma forma, se “conformam” com sua nova realidade, mas a resistência persiste na sua identidade em construção.

A falta de algo melhor e a busca por um crescimento tanto pessoal quanto profissional remete ao deslocamento do homem rural para o centro urbano. Esse deslocamento traz sua incorporação na vida da cidade e impõe a estes homens e mulheres outro padrão cultural, entre outras relações que se desenham nesse novo mundo.

A mudança trazida pelos novos contatos apresenta outras formas de vida. Como sugere a entrevista, o indivíduo não fica mais preso a suas obrigações como

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

era na fazenda. Vai se deixando incluir em outras formas de vida que lhe darão uma nova visão de mundo.

Mediante a este novo contexto é possível dizer que o enfrentamento a este novo cotidiano de trabalho traz transformações e novas reestruturações na construção identitária destas pessoas. E isto tudo se inicia devido ao poder de sedução que os benefícios encontrados na cidade mostram e seduzem aqueles que estão no meio rural. Mas, é preciso observar que sair do campo para a cidade não se dá somente pelo “atrativo das luzes da cidade”, mas pelas condições vividas naquele lugar que lhes impossibilita de nele permanecer.

Em vista dessas questões de ordem subjetiva e objetiva, homens e mulheres veem neste âmbito de trabalho urbano o local perfeito para o afastamento dos problemas existentes na sua vida no campo, e transportam para a cidade a ideia de que ali pode se construir algo novo.

A vontade de se conseguir algo melhor está presente nas falas destas pessoas, que acham no trabalho uma maneira de se sentir igual aos outros indivíduos que os rodeiam. Ao mesmo tempo em que estão perto também estão longe, pois não fazem parte da mesma cultura, mas de alguma forma podem ser aculturados pelo meio onde estão se inserindo.

Qualquer cultura se constrói e reconstrói, não existe uma única cultura, desta forma podemos dizer que os sujeitos do campo se interagem com os indivíduos do centro urbano modificando-se culturalmente. Ao mesmo tempo em que se sente liberto de sua vida sofrida no campo, está preso a ela, pois a memória de tempos no meio rural fortalece e dá liberdade para que o indivíduo do campo experimente uma nova vida, ninguém fica preso a uma única cultura, estando sempre abertos a mudanças e diversidades.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

De certa forma a inserção destes camponeses é dificultada por preconceitos da parte dos sujeitos da cidade, por dificuldades de inserção a uma nova realidade seria ele um estranho diante de uma nova vida, sofrendo com a exclusão social e tentando fazer parte de uma história diferente da sua. O modo de vida capitalista é muito forte no centro urbano, e o camponês acostumado ao trabalho livre, precisa se institucionalizar ao trabalho nas fábricas ou nas casas de família. A expansão da indústria em Três Lagoas traz estes reflexos de mudanças e os indivíduos do campo assim como os da cidade tiveram que acompanhar estas mudanças de acordo com as necessidades impressas por esse meio e em vista do que sonhavam conquistar; num sonho nem sempre realizado.

Novas relações se estabelecem com a migração presente na cidade, mas não de maneira facilitada. Os migrantes chegam a Três Lagoas para reconstituir uma força de trabalho de grande fluxo, ou melhor, chegam em grande massa causando estranhamento àqueles que já vivem nos grandes centros, desta forma torna-se mais difícil a interação com estas pessoas.

Para Martins (1993), a sociologia nos ajuda a entender melhor a maneira como vemos o outro, de forma a não nos deixar cair no senso comum trazendo uma interpretação da vida social na qual nos encontramos. Para ele o capitalismo é o principal fator de onde se desencadeia a nossa maneira de ver o outro. Nossa tradição histórica é de excluir e marginalizar grande parte das pessoas. Foi assim com os índios e camponeses, e é ainda hoje com os migrantes do campo que vem se estabelecer na cidade.

Nossa sociedade está em constante transformação, e o sujeito histórico presente nesta fase de mudanças precisa de uma política que lhe considere, que faça valer a pena o seu esforço e a sua luta, garantindo seu espaço tanto na cidade quanto no campo, para aqueles que lá ficaram. Desta forma surgem os movimentos sociais, resistentes e com estratégias políticas que buscam garantir uma vida favorável na cidade e no campo, a exemplo dos movimentos de luta dos sem-teto e sem -terra.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

Trabalhadores camponeses em questão não se deixam esquecer-se de seu local de origem, possuem certa resistência aos novos meios de vida e hábitos encontrados na cidade. O desenvolvimento capitalista existente no centro urbano está longe de ser harmonioso a todos, desta forma, tensões sociais, indisciplina no trabalho e problemas na produtividade são constantemente observados e interpretados como negligência de empresas que usurpam do trabalhador, que de alguma forma luta por melhores condições de trabalho, reajustes e fim da exploração.

Se vierem para trabalhar precisam garantir àqueles que ficaram uma melhor qualidade de vida, o que se sonha encontrar quando no trabalho na cidade. E isso inclui busca por melhorias salariais, melhores condições de trabalho, conquistas trabalhistas, assim como o reconhecimento de serem moradores oficiais da cidade, sem tratamento diferenciado ou mesmo de exclusão. A exclusão social está intrinsecamente articulada a sociedade brasileira que sustenta um mito de não violência no país, sendo que a maior parte desse mito pode ser a exclusão, bem explicada por Chauí (1995):

“O grande mito que sustenta a imaginação social brasileira é o da não-violência. Nossa auto imagem é a de um povo ordeiro e pacífico, alegre e cordial, mestiço e incapaz de discriminação étnicas, religiosas ou sociais, acolhedor para os estrangeiros, generoso para com os carentes, orgulhoso das diferenças regionais e destinado a um grande futuro.” (1995, p.73)

De acordo com Chauí os mitos se difundem e encontram meios para conservar-se, daí a exclusão presente na nossa sociedade quando nos referimos a um estranho em nosso meio. Seja no social ou no trabalho, a exclusão se aquela pessoa que pertença a outro segmento social que não seja o nosso.

O modo como enxergamos o outro está de fato ligado a esta vertente apontada por Chauí, ou seja, o outro que passa por uma transição se vê perdido diante de uma

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

nova sociabilidade e adquire novas formas de pensar, agir, até mesmo de forma violenta devido ao novo ambiente em que vive.

Quando vemos uma massa de trabalhadores que chega a cidade, logo os julgamos culpados pelos atos violentos que se desencadeiam na mesma. É uma forma de ver o outro como o indivíduo que está no seu local errado, ou seja, que não deveria estar naquela localidade. Desta forma podemos perceber a exclusão e as dificuldades que temos de nos relacionarmos com estas pessoas. Para nós este processo de excluir é visto como natural aumentando o grau de violência contra estes sujeitos.

A sociedade brasileira é uma sociedade autoritária, carregada de conservadorismos. Sendo assim, as diferenças são vistas como desigualdades e estas como inferioridades. Sociedade onde as anormalidades políticas são consideradas normais, pois os privilégios estão distribuídos apenas para uma pequena parte da sociedade. As desigualdades e a exclusão nas suas mais diversas facetas são simplesmente naturalizadas na ideologia de parte significativa dos brasileiros. Existe um abismo histórico entre o camponês e os novos meios de vida na cidade, gerando um conflito entre os dois lados existentes neste processo migratório (campo-cidade).

Há uma fronteira existente nestes dois extremos, bem colocada por Martins:

“Na fronteira, o camponês ainda vive relações econômicas, concepções de mundo e de vida centradas na família e na comunidade rural, que persistem adaptadas e atualizadas desde tempos pré-capitalistas. Ele, que ainda esta mergulhado na realidade de relações sociais que sobrevivem do período colonial, se descobre confrontado com formas tecnologicamente avançadas de atividade econômica, do mundo do satélite, do computador da alta tecnologia.” (1997, p. 16)

Esta nova relação econômica diferentemente do campo gera conflitos que demonstram o significado das mudanças sociais. Em outras palavras, o

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

relacionamento e estranhamento entre indivíduos de lados fronteiriços diferenciados podem muitas vezes ser imperceptíveis, mas causadores de um problema ético da história, como a alteridade, o confronto e a aceitação de diferenças.

Toda cultura possui uma identidade que não é absoluta, podendo ser configurada de acordo com o processo em que se vive. As novas relações sociais que se criam, as novas oportunidades e experiências ditam uma transformação na vida do ser humano podendo ser pensadas de forma positiva se estas experiências concedidas como o melhor para sua vida forem de alguma forma conquistadas, dependendo muito do modo de vida conquistado na cidade pelo camponês.

Podem é claro ocorrer de maneira inversa e negativa estas formas de relação com o novo. Exemplo disso é a questão da vizinhança que muda bruscamente, pois quando se vivia no campo havia mais solidariedade entre os indivíduos, tanto na casa quanto entre os vizinhos. Nestas novas condições de vida nas cidades os camponeses, dependendo do modo como sejam tratados e se relacionem com isso, podem se sentir inferiores aos outros, ao não encontrarem o apoio e serem afetados socialmente por esta questão.

No campo, a família cooperava com o trabalho, com as dificuldades. A pobreza na cidade devido a falta de trabalho, os aluguéis caros, etc. afeta as relações de vizinhança destes novos moradores do centro urbano. A reciprocidade, elemento comum no meio rural, pode não mais existir nas cidades. As entrevistas apontam para o fato de que não existe mais a união entre os vizinhos, como era comum, para se conseguir melhorias voltadas aos interesses de todos.

As pessoas se isolam na cidade, principalmente os migrantes recém-chegados. O sistema capitalista que engloba a todos deixa clara a disputa entre os indivíduos. Seria o caso de dizer que na cidade é cada um por si, e esta relação dificulta a interação entre esses indivíduos, e até mesmo com os moradores urbanos, que veem esta situação como uma normalidade no meio em que vivem.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

Além destas problemáticas existe um montante de obstáculos na cidade para a ascensão dos camponeses, e quando isto ocorre enfraquecem-se os laços familiares, explicados por Stolcke:

“Outro obstáculo são os trabalhadores que não mantém contatos com a família, estes contatos entre parentes se dá devido a diferenciação social, os que possuem menos que os outros sentem vergonha e desconforto em visitar os que mais possuem. “A ascensão social tende a enfraquecer os laços familiares.” (1986, p.368)

Sobre o aspecto da ascensão social destacamos a fala da entrevistada:

4“[...] quando vim para Três Lagoas foi no ano de 2009, fui primeiro fazer um curso de cabeleireira pra ir embora para o nordeste, mas aí as coisas lá no nordeste era muito difícil, e acabei retornando para Três Lagoas, porque me chamaram para assumir o concurso, hoje já estou em Três Lagoas já fazem dois anos.”

A entrevistada voltou à cidade para trabalhar em uma atividade a partir do concurso público, desta forma entendemos que obteve e abriu espaços para novas experiências no meio urbano, se destacando no âmbito profissional. A visita a familiares são poucas, mas mesmo assim continua deixando acesa a relação com o campo.

Muitas oportunidades não se configuram no estabelecimento destas pessoas no centro urbano, pois são inúmeros os que retornam ao seu local de origem. Mas aqueles que ficam se deixam apreender a novas experiências. Mas mesmo com essa inserção em outra cultura propriamente diferente da sua não se desvincula de sua forma de pensar, agir e de fazer parte de alguma forma de sua própria cultura.

O encontro com uma sociedade urbana redefine alguns valores culturais, mas mantém características próprias do homem do campo. Desta forma precisamos nos

⁴ Entrevista realizada com M.G.S. no dia 21/04/2012 na cidade de Três Lagoas-MS.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

perguntar por que essas características próprias se mantêm. Seria uma forma de resistência ou acomodação às novas relações?

Não seria viável dar uma resposta concreta a esta indagação, pois os sujeitos que se estabelecem e permanecem possuem ainda vinculações com o meio rural. A memória e a saudade da vida no campo os remete ao que viveram naquele lugar, mas colocam outras possibilidades de melhoria na cidade. Sendo assim, mesmo que a vida na cidade seja difícil, ainda é melhor esse espaço do que aquele vivido no campo.

Observamos estas contraposições ao perguntar a entrevistada como era sua vida na fazenda, e ela deixa clara a memória nostálgica que ela tem do lugar de onde veio.

⁵“Era uma vida saudável, a gente tinha fartura. Vim pra fazer um curso de cabeleireira, porque queria trabalhar. Na fazenda a gente tirava leite, tinha horta, tinha carne, era tudo tirado de lá mesmo, tenho saudades de lá, sempre volto para visitar os parentes.”

Em outro momento observamos que a vida na cidade lhe proporcionou um crescimento inesperado e positivo para a vida da entrevistada na cidade: “Hoje aqui em Três Lagoas a minha vida está melhor, porque fui chamada no concurso, e o custo de vida é mais baixo, e o salário é um pouquinho melhor também...”.

A identidade é um processo contínuo, ela não é algo pronto. O homem cria e redefine seu próprio meio, e acreditamos que foi isto que ocorreu na vida da nossa entrevistada. As mudanças sociais são carregadas de reações culturais e situações que inspiram o indivíduo fazendo acreditar que mesmo com o mínimo sua vida na cidade

⁵ Entrevista realizada com M.G.S. no dia 21/04/2012, na cidade de Três Lagoas-MS.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

é melhor do que a vida que levava no campo. Cândido cita Malinowski para explicar essas reações culturais que estão presentes nas mudanças sociais.

“Malinowski mostra que a satisfação das necessidades, sendo uma das molas da cultura, já se situa em pleno terreno institucional; as necessidades básicas não apenas dão lugar a reações culturais, mas essas originam novos tipos de comportamento, que se tornam necessidades derivadas, indissoluvelmente ligadas a aquelas. (CÂNDIDO, 1982.p25)

As necessidades de se obter aquilo que só se encontra na cidade é fator imerso no sistema capitalista vigente nos grandes centros urbanos, e não é um fato isolado. A vontade em adquirir bens de consumo para se tornar igual aos indivíduos da cidade, para que não fique inferior a eles é uma prática comum.

A memória dos trabalhadores rurais está intrinsecamente ligada ao tempo da fartura no campo e o tempo do dinheiro estabelecido na cidade. O dinheiro trás as melhorias e a comida se torna escassa, pois os gastos na cidade consomem o que se ganha no trabalho.

A renda na cidade é mal distribuída, trabalha-se muito e se ganha pouco. As facilidades da vida urbana trazem gastos que antes eram inexistentes e acabam com o pouco dinheiro ganho com o trabalho. O indivíduo do campo se sente inferiorizado na cidade e tenta se erguer mesmo que com bens materiais satisfazendo o seu ego que pode estar inferiorizado.

“A vida urbana não só os apresentou a novos bens de consumo, mas também significou frequentes contatos com outros grupos sociais, que servem para lembrar-lhes permanentemente sua própria inferioridade social, justamente porque a condição social, ainda que apenas ligeiramente superior destes se reflete precisamente no seu acesso a esses bens.” (STOLCKE, 1986, p.318)

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

Os indivíduos são incentivados a gastar pela ânsia de se conseguir um reconhecimento social. Apesar da junção entre rural e urbano alguns indivíduos que vieram do campo, tentam manter suas tradições culturais ligadas ao meio rural. Vemos isto na maneira como o mesmo obtém seu alimento, buscando uma forma natural de fazer, como também cultivar o que vai comer. Ainda existe o hábito de se alimentar com o que vem da fazenda. Um exemplo disso são as plantações de temperos e a constituição de hortas existentes em algumas famílias, ainda que em espaços exíguos, como forma de ter algum contato com o meio rural em que antes vivia. Seria talvez a resistência a novas formas de sociabilidade face ao novo meio em que se encontra. Existe talvez uma adequação ao meio e ao mesmo tempo uma dependência tanto do campo quanto da cidade. Cândido discute essa questão, ao observar que: “O homem rural depende, portanto, cada vez mais da vila e das cidades, não só para adquirir bens manufaturados, mas para adquirir e manipular os próprios alimentos.”(1982, p.142)

O homem pode criar e redefinir seu meio de subsistência de acordo com sua necessidade, construindo desta forma a sua identidade. É a busca do homem do campo por uma identidade para que fique mais próximo do seu próprio eu.

Essa questão pode ser discutida através da questão do desenraizamento, pois o camponês não está totalmente desvinculado de suas raízes no campo. Acreditamos que seu antigo meio de vida está intrínseco tanto na sua memória, nas recordações, quanto na sua história de vida. Não é simples mudar algo que está ligado fortemente ao sujeito, podemos dizer que ele possa adquirir novas formas de vida, mas o que realmente é dificilmente deixará de ser. Sendo assim observamos que os indivíduos do campo, mesmo na cidade e vivendo como assalariados não se desenraizaram do seu antigo modo de vida.

A nova realidade que se encontra nos centros urbanos mostra a estes sujeitos as diferentes tradições de um lugar para o outro. Em entrevista com camponeses

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

observamos essa incorporação de uma nova realidade, e a questão de manter suas tradições na cidade de Três Lagoas:

“Num mudou nada nossa alimentação continua a mesma, até mesmo o ritmo de vida. Mudou somente o que queremos estudar e o horário de dormir, pois a gente acaba dormindo mais tarde, porque temos mais acesso a televisão, na fazenda a gente tinha pouco...”⁶

Diante deste depoimento podemos destacar a ideia de se continuar vivendo como se estivesse no campo, possuindo plantações em casa, criando animais e vivendo como um indivíduo da cidade, que acaba dormindo tarde para trabalhar logo pela manhã, devido a esse contato com a televisão.

Mesmo que alterados seus hábitos o camponês que muitas vezes não pode retornar ao campo, acaba permanecendo na cidade e buscando uma nova forma de vida. A busca por estas novas formas de vida faz com que homens e mulheres do campo se preocupem com outras necessidades; não mais se ocupam com os trabalhos que antes faziam na fazenda, passam a seguir os ritmos do centro urbano, ao querer estudar, crescer profissionalmente e manter a seu ver uma “vida melhor” na cidade em que se encontram.

O homem em sua totalidade possui uma diversidade cultural, podendo “aculturar-se” várias vezes. É cultural essa vontade de buscar por mudanças, pois os comportamentos, o modo como vivemos está inserido em nós, como também nas outras culturas. Nós podemos nos variar culturalmente e essa variação cultural se dá através de uma mutação dos nossos comportamentos, destacados aqui como o rural, através de outra forma de vida, ou seja, a urbana.

⁶ Entrevista realizada com M.G.S. no dia 21/04/2012, na cidade de Três Lagoas-MS.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

Aquilo que vivem cotidianamente na sociedade em que estão inseridos, deixa de ser fator principal de sua própria cultura. Os dois lados que se diferenciam (rural e urbano) se homogeneízam e se confrontam criando novos costumes, crenças e comportamentos que antes lhes era estranho.

Desta forma, a identidade vai se constituindo, não de maneira sólida nem única, pois pode oscilar em qualquer espaço em que o indivíduo esteja inserido.

“Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age- e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade.” (BAUMAN, 2005, p.17)

O camponês se sente deslocado por não ter seu espaço definido numa nova sociedade. Sabe que não pertence a este lugar e mesmo que possua influências habituais da cidade homens e mulheres do campo estão fragilmente inseridos neste meio cheio de contrastes. Mesmo que haja uma interação com uma nova sociedade o camponês não se sente como pertencente a ela. A aceitação dos sujeitos que vivem nas cidades pode ser possibilitada, mas de forma alguma o camponês vai se sentir definitivamente “em casa”.

“Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda a parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranho), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora.” (BAUMAN, 2005, p.19)

Esse encontro de culturas causadoras de experiências muitas vezes constrangedoras deixa o indivíduo perturbado. A necessidade da volta pra casa, que foi abandonada pela expulsão de sua própria terra, causa a problemática de estabelecimentos em outras comunidades que não são a sua.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

A vontade de ficar pode ser entendida através da entrevista, mas as falas também deixam claro as dificuldades encontradas com a chegada na cidade, no caso em destaque, no município de Três Lagoas.

“Aqui no começo foi difícil, não conhecia ninguém e passei por muitas situações de tristeza. Mas hoje é melhor do que na fazenda. Por que a gente não tinha acesso aos mercados mais baratos, a gente tinha que comprar o que aparecia...”⁷

O êxodo rural causa essas divergências na fala dos sujeitos. Para o migrante, é melhor aqui do que lá. Assim, a falta de suas terras não possibilita sua volta para o campo, então é preciso ficar e aprender a viver de maneira diferenciada da sua. O fascínio, o desejo de conhecer o novo neste momento é uma história marcada pela violência da expulsão das terras que acaba em migração, pela necessidade premente de partir.

De todas as entrevistas conseguidas através da metodologia da história oral, observamos a referência ao êxodo rural que envolve várias questões, entre elas: à miséria no campo, a expulsão do trabalhador do campo por perderem suas terras, ou mesmo a migração temporária.

Todas as eventuais situações evidenciam o peso do sistema capitalista, ou seja, o dinheiro visto como a solução dos problemas, tanto para aqueles que permanecem em Três Lagoas, como para aqueles que retornam a suas terras.

As questões sociais e econômicas que envolvem essas problemáticas são diversas. É válido observar que acultura não está dissociada destes fatores, mas sim intrinsecamente ligada a ele.

⁷ Entrevista realizada com E.F. no dia 04/10/2012, na cidade de Três Lagoas-MS.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa realizada sobre as condições de vida dos indivíduos que saem do campo para viver na cidade de Três Lagoas -MS, podemos concluir que a identidade destes sujeitos vai se constituindo através do contato com novas culturas. Seus hábitos, costumes, crenças e modos de vida vão sendo reinventados a partir deste encontro.

O desenvolvimento industrial dentro de uma cidade faz com que a necessidade de mão de obra seja constante, e são estes sujeitos históricos que transformam o meio urbano, que são explorados no trabalho, que são julgados e discriminados.

A questão que envolveu toda a pesquisa como, por exemplo, os problemas políticos, econômicos e sociais em que estes indivíduos se veem imersos em sua nova realidade, trazem a tona o pensamento sobre o problema do desenraizamento. A incorporação do sujeito que antes vivia no campo e passa a viver na cidade traz uma série de problemáticas tanto para o indivíduo que deixa seu local de origem devido às adversidades presentes no campo, quanto para aqueles que permanecem no campo. A memória daquilo que vivia antes é uma memória nostálgica, pois na cidade há uma diferença grande nas formas de sobrevivência.

É evidente o constrangimento do indivíduo do campo dentro do centro urbano, ou seja, o estranhamento a essa nova situação, e a maneira com que procura preservar de alguma forma seus hábitos do campo. A sociedade urbana impõe sua superioridade sobre estes indivíduos, e a política econômica presente numa cidade em desenvolvimento não se interessa pelas necessidades destas pessoas. O capitalismo deixa claro que o esforço no trabalho é a garantia de conquistas e de crescimento econômico. Uma ilusão que atinge tanto os novos trabalhadores do centro urbano, sejam eles temporários ou não, quanto os seus próprios moradores. Daí a importância de estudos que enfoquem a migração, como o que se propôs nesta monografia.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .

REFERÊNCIAS

- ALVES, Walter Assis. Industrialização Recente: Novas relações socioeconômicas em Três Lagoas – MS. Revista Esboços. UFSC, Vol. 12, n. 14, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- (FAÇA NOS DEMAIS)
- CÂNDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito, 6ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. Revista Scielo. Estudos avançados. Vol. 9, n.23. São Paulo: Jan\abr. 1995.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e Resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MARTINS, José de Souza. A chegada do estranho. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MARTINS, José de Souza. Não há terra para plantar neste verão. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MARTINS, José de Souza. A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MARTINS, José de Souza. A sociedade vista do abismo: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARTINS, José de Souza. O cativo da terra. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MARTINS, José de Souza. Sobre o modo capitalista de pensar. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. História Oral: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2010.
- SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.
- STOLCKE, Verena. Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980). São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SILVA, M. A. M. A terra no imaginário dos migrantes temporários. Revista História Oral, UNESP, n. 04, p.103-120, jun.2001.
- VALIM, Ana. Migrações: Da perda da terra a exclusão social. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1996.

(*)Texto de conclusão do curso de Licenciatura em História.

(**)Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email- verissimo_katia@hotmail.com .